

CONTINUAÇÃO DO POEMA ANTERIOR

Também do sonho brotaram grifos
guardadores de ouro ímpio
vizinhos dos hiperbóreos.
Consciente de que o sonho
é uma projeção mental do futuro
e de que suas imagens são caminhos
viajei até o porto renhido de Hiperbórea
país situado além da noite, perto da sombra
bem além do Bóreas, o vento norte
junto ao mar de Mármara.

(Poema conforme Lei Espiritual
do maestro João Marques
filósofo da raiz de pedra da vida
ou seja, filósofo da alma de Garanhuns).

1. OVOS DE VERBO

Eu estribilho, desesmoreço, corto as cartas
o ás respiro, engendro, urdumo, urdimbro
verticiar não convexo porque eu côncavo
e geometrizo sempre que poema.
Tenho por sina patiar entorno de igrejas
(e beber adegas) porque verticio sempre
que angulo um poema absurdinando-me
Aminuncio-me quando para não me amiudar
daninho-me a poemar o futuro
(que está descendo pelo ralo humano).
Como vais te empedrar me encasulo
nóbrega aranha que sou netamente manuel.
A propósito, manuelo-me quando
a garoa mostra suas coxas aéreas a João Marques.

PS. Dias incontáveis uivo (e vivo)
à sombra do poema, árvore
de palavras
grade de signos
e récuas de sentido.

2. VERBO NOVO

Vou bilhar no poço
(de minha inconsciência)
com jarro de ombro
água de sede fisgar
(peixe do fôlego)
com meu jeito escreto
tacar o sôfrego
do nômade ao ofegante fazer jorro.

Sei que muito acrisantemo quando
enjardino o poema
mas é porque me crepusculo assim
corroer a cor meu espírito escuro.

Sempre colloquio quando as palavras escapam-me
do dedo para a página (do corpo
e da alma de barro do verbo dado ao cubo).

Esmiuço-me toda vez que arranco
deste barro da alma algumas palavras
que aplico como mármore no aéreo poema.

Estridulo-me mas não desisto.
Aspero-me com candura.
Canduro-me com aspereza.

3. (TARA)

Sou tarado por toponímia e onomástica.
E poema algo trisambíguo, destrelado.
Gozo com a palavra numismática.
Hieróglifos é meu ídolo.
Me degenera banalidades.
Leio filosofia suja, sou medicante da palavra.
Minha alma é de palha.

A filosofia nasceu na borda
de uma xícara de chá chinesa.

(O café é a plenitude do ser. Sartre).

(EU)

TRANSINSEMINIMO com a palavra crescente
inoculo-me ao transsubstanciar do verbo.

4. (novas confissões vitais)

Pegadas de Pound sigo.

Na rua azul me deparei com
um rosto de pedra asteca.

A poesia de VCA (que causa AVC) é algo
suspeitosamente florido, produto
de boca turbulenta e muito sonâmbula
fruto de candelabros escuros
e tempestades sem ventre
(de um assomo de autocrítica feroz).

Vital é um desertor da palavra. Outsider nato.
Sua palavra (que ele pensa poética, mas é nada)
é alguma coisa sepultada.
Pura aritmética poética. Paralela a infernos
deslumbrantes, objeto de iluminações sem ventre.
Oco fluxo quântico, reflexo
de ocos cânticos. Alquimia desesperada.
Direta da página escura da alma para
a enfermaria do futuro.

5. (CAFÉS)

(nota histórica)

A partir de 1945, a atenção mundial o universo da cultura não se voltavam mais para os já clássicos e afamados salões ricos onde se mesclavam escritores, músicos, mulheres. Mas para o térreo do Café de Flore esquina do Boulevard Saint-Germain com a rue Saint-Benoit.

Foi no Café de Flore que Sartre escreveu O ser e o nada. E numa de suas páginas:
“O café por si mesmo, com seus clientes mesas, livros, luz, espelhos, cinzeiros atmosfera esfumada e sons de vozes matraquear de pires (ao pouso de xícaras) e passos de transeuntes e suas bocas línguas ásperas e sedentas que o enchem... o café é uma plenitude do ser.”

Perto do Flore, esquina com a Place Saint-Germain o café Deux Magots, outro ícone bem cafeinado.

6. A CAFÉS

ao meu avô
Manuel Florestino Corrêa de Araújo
cafeeiro e ao sítio Frecheirinha
(de cujo ventre extraía 300 sacas-ano)
úmido sítio inóspito da Serra de Taquaritinga
onde meu pai – Cláudio Corrêa de Araújo
foi gerado em vó Sinhazinha
que morreu aos 15 anos
do parto do meu pai único.
À esta orgânica maiêutica
tão trágica e sublime
de onde vim
a esse nu mundo in

Ao café de Flore
le rendez-vous existentialistes

xícara de café e cinzeiros nas mesas
ao fundo a sombra (e baforadas) de Sartre
cachimbo dependurado na boca torta
olhos vesgos esbugalhados colhendo o ser
(seu matiz, minúcia, nuance)
do homem e da sociedade insaciável.

Ao Deux Magots onde
se desenrolava plenamente a todo instinto
o idílio da intelectualidade do mundo
com sua própria tragédia diária.

Ao le pape d'existentialisme
que me despertou a náusea de ser
e me apresentou ao Nada
quando li em Manaus (1970)
As palavras, Imaginação
Sursis, Com a morte na alma
e A idade da razão.

À cadeira de vime metálico preta
de encosto duplo de ameixa
do Café de Flore
da qual refestelado Sartre contemplava
os melancólicos bulevares de sua alma
(e os confins indefesos do mundo
engajado no progresso do corpo).

Ao tugúrio sartriano
na rue Bonaparte
(perto do Flore – e a plena xícara)
de cuja janela ele lançava
olhares sigilosos
para a Place Saint-Germain
enquanto beijava calorosa
e filosoficamente Simone de Beauvoir
musa longilínea, filósofa feroce.

7. AUTOCRÍTICA

Maculadamente limpo
(cheio de mácula desconsagrada)
pleno de ovelhas de estrelas é o poema vital
antimecânico par excellence
não gregário, noturno
incompreensível (por natureza e definição)
meio absurdo, capaz de abominação
passível de axiomatizar-se de súbito
sem freios que o definhem
espalhafatoso e vermelho
impiedoso com leitor e inescrutável
é o poema vital (que sempre será).

A Vital e sua poesia desautomática
amecânica (embora anêmica e transitiva)
ambímbigua, detratável
dolicoféfala e iconoclasta crua
desacatante, desfibrada, invulnerável
(antipoética e transgeométrica)
indescandecente, desarvorada e sem voragem
tão ... adjetiva ... não leio.

A não ser num pub íntimo
da rua da Glória (472) numa tarde
no bafurinho de um happy-hour
(com dose de single uísque e cerveja pálida)
o papo bêbado como o barco de Rimbaud
em torno cercado do nada da vida
da non-existence radical (meio que solipsista)
cruamente como um trago de vida.